

“ROSÁRIO DE METÁFORAS”: UNA VIEJA HISTORIA DE LA MIERDA NA SUA VIGÊNCIA CONTEMPORÂNEA¹

“Rosario de metáforas”: una vieja historia de la mierda en su vigencia contemporánea

“Rosary of metaphors”: una vieja historia de la mierda in its contemporary validity

Vanessa Daniele de Moraes²

Resumo: Partimos do conceito de mito do historiador mexicano Alfredo López Austin e posteriormente trazemos narrativas de seu livro *Una vieja historia de la mierda*, ilustrados por Francisco Toledo. O corpo, em nossa perspectiva comunicacional, é pensado como uma mídia primária, mas, de acordo com os tempos, as imagens míticas vão utilizando também outros meios, como o registro gráfico (o livro) ou os formatos digitais, como as fotografias e os vídeos, para difundir e renovar as velhas histórias.

Palavras-chave: mitos da merda; Alfredo López Austin; Francisco Toledo; mídias; narrativas pré-colombianas.

Resumen: Partimos del concepto de mito del historiador mexicano Alfredo López Austin y posteriormente traemos narraciones de su libro *Una vieja historia de la mierda*, ilustrado por Francisco Toledo. El cuerpo, desde nuestra perspectiva comunicacional, es pensado como un medio primario y, sin embargo, con el paso del tiempo, las imágenes míticas pueden cambiar y utilizar otros medios tales como el registro gráfico (el libro) o los formatos digitales, como las fotografías y los videos, para difundir y renovar las viejas historias.

Palabras-clave: mitos de la mierda; Alfredo López Austin; Francisco Toledo; medios; narraciones precolombinas.

Abstract: We start with the concept of myth by the mexican historian Alfredo López Austin and then bring in narratives from his book *Una vieja historia de la mierda*, illustrated by Francisco Toledo. The body, in our communicational perspective, is thought of as a primary media, but, according to the times, mythical images also use other media, such as the graphic record (the book) or digital formats, such as photographs and videos, to disseminate and renew the old stories.

Keywords: shit myths; Alfredo López Austin; Francisco Toledo; media; pre-columbian narratives.

¹ A base desse texto faz parte do segundo capítulo de minha tese de Doutorado em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB), defendida em março de 2020, intitulada “Francisco Toledo e outras histórias da merda: mitos, cadernos, imagens.” Na ocasião em que o texto foi escrito, os dois autores principais (Toledo e López Austin) eram vivos e tive contribuições significativas do segundo, quando fiz o estágio sanduíche na Cidade do México, com bolsa concedida pela CAPES. A presente versão sofreu diversas modificações/acréscimos.

² Doutora; Universidade de Brasília, Brasília, UnB, DF, Brasil. quantasvanessas@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2368-2337>

1. Mitos: concepções de mundo

No ano de 1986 o artista mexicano Francisco Toledo (1940-2019) fazia um convite ao historiador Alfredo López Austin (1936-2021) para a publicação de um livro sobre as histórias da merda no contexto do México pré-colombiano. Dois anos depois saía pelas Ediciones Toledo *Una vieja historia de la mierda*. A união de um historiador e um artista visual para contar diversas narrativas escatológicas³ trouxe à tona um tema tão velho quanto a própria humanidade. São histórias vindas da Mesoamérica, de vozes que se transformam entre os povos que habitam todo o território mexicano, narrativas que integram a merda às enfermidades, à saúde, às profecias, aos cosméticos, à morte, à divindade, entre outros entrelaçamentos; mas as histórias vão se perdendo no tempo e, graças ao resgate de López Austin, foi possível recuperá-las com tantos detalhes.

Alfredo López Austin já afirmava em 1988, quando da primeira edição do livro em questão, que a merda funcionava como símbolo⁴ de uma cultura. E vinte e nove anos depois, num pequeno texto sobre os *Cuadernos de la mierda* de Toledo, ele reafirmou o seu poder simbólico:

um símbolo gigantesco formado socialmente não só por sua importância vital nas funções fisiológicas de nosso corpo, mas por sua condição múltipla, criadora de circunlóquios, perífrases,

³ A palavra escatologia possui dois sentidos diferentes, mas ambos derivam da raiz grega. Em português e em espanhol, a mesma palavra se usa para ambos os casos. Em grego, o termo *Éskhatos* está relacionado ao último, ao fim dos tempos, ao apocalipse. Já *Skatós* se refere a excrementos (Legorreta Salazar, 2007, p. 106). É sobre o segundo sentido que o livro discorre.

⁴ Alfredo López Austin entende o simbólico como o produto do trabalho do homem quando este se relaciona com seu entorno, é produto da história. Entrevista com Alfredo López Austin por Liviu Popescu e Javier Martínez Villarroya disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/ExNovo/article/viewFile/144754/196574>. Acesso em 12/fev/2019.

ambiguidades, silêncios, hipocrisias e dissimulações. [...] A merda se propõe como uma coleção de atos privados que, em seu conjunto, são do âmbito do coletivo, social e coesivo. A merda questiona filosoficamente o mistério dos cachorros que, para se identificarem, devem cheirar o cu do outro. A merda responde às perguntas, recorrendo ao testemunho documental de sua extração das ruas em canoas cheias, ainda que sem responder por que o deus patrono dos mexicas se maquiava com cocô de criança. A merda relativiza o valor do alimento ao atrair as moscas. [...] A merda faz o ser humano ser consciente de seu pertencimento à natureza e à vigência de suas leis sagradas, conforme as quais e em última instância o natural envolve o social sem vice-versa. (LÓPEZ AUSTIN, 2017, p. 80 – tradução livre)

O historiador adverte que quando nomeada, a merda se converte em símbolo, e isso significa que ela pode trazer outras acepções, muito além de um círculo fechado de difusão – aqui também há histórias secretas que praticamente não são transmitidas. Sua visão é complexa: vê que as defecações podem carregar traços de desejos infantis, além da imposição adulta para o controle dos esfínteres. E abrange sobretudo o cosmos: “Assim as estrelas dos caleidoscópios adquirem com a merda o reflexo do mais puro dos amarelos” (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 16 – tradução livre). É importante, porém, destacar a visão de López Austin sobre os mitos: num livro publicado em conjunto com Luis Millones (2016, p. 14), os autores afirmam que uma das importâncias de se estudar o mito atualmente é a sua vigência contemporânea. De acordo com eles, o pensamento mítico segue sendo o fundamento das concepções de grande parte da humanidade, e, sendo assim, além de merecer um estudo aprofundado, deve ser pensado em seus entrelaçamentos com os aspectos da vida em diferentes tradições. É importante pensá-lo como meio de expressão das cosmovisões e

construções de culturas. Nesse sentido, enxergam os mitos como parte de um sistema criado pelas sociedades indígenas que permitem aos homens enfrentarem o seu entorno físico e se inter-relacionarem no contexto social em que estão inseridos. E mais: os mitos funcionam como uma via que está articulada com toda a ordem da cosmovisão e oferece ao ser humano conhecimentos e lógicas de interpretação e de ação (LÓPEZ AUSTIN; MILLONES, 2016, p. 16).

Um dos aspectos relevantes para o estudo dos mitos é justamente a questão da oralidade e do relato. O texto mítico é um relato, mas não qualquer enunciado – é necessário ser narrativo, com consecutividade (antes e depois) e uma relação lógica (causa e efeito). Eles ressaltam que o conteúdo dos mitos, a sacralidade de sua origem e sua função coesiva encaminham tais narrativas à expressão estética, “aquela que emociona a pessoa que nele crê quando a faz penetrar, com o relato, aos âmbitos alheios às criaturas, ao tempo-espço dos deuses” (idem, p. 16 – tradução livre). Somam-se, então, o valor da crença e o valor do relato resultando em fios que se cruzam nos âmbitos das emoções e da ação social.

Neste sentido, o mito poderia ser pensado como imagens que reverberam em novas narrativas e suas formas de apresentação se atualizam com os tempos. Toledo trouxe os mitos na pintura; López Austin, na escrita. O século XXI, com inúmeros artistas (fotógrafos, cineastas etc.), vêm trazendo-os no digital.

O historiador de arte Hans Belting (2014) considera que a imagem é o que transcorre entre os meios e o corpo. Para ele, o corpo é o lugar vital das imagens, o que significa que o suporte pode ser variável, mas o corpo é imprescindível, invariável. Assim, Belting explica que atualmente as imagens já não estão essencialmente onde outrora aguardavam nosso olhar, isto

é, a partir de novos canais de comunicação, “reclamamos para elas um possível lugar de encontro” (2014, p. 63). Reitera que não devemos pensar que somos vítimas da tecnologia, mas devemos estar abertos ao que elas têm para nos revelar. E continua:

Hoje, através dos dispositivos eletrônicos, está a constituir-se uma memória de imagens fixas que, em alguns casos, provêm de longe. Muitas vezes, os novos meios são apenas o espelho novamente polido da lembrança, e neles as imagens antigas sobrevivem de um modo diferente do que acontece nos museus, nas igrejas e nos livros. É assim que na fronteira entre os meios imaginais actuais e os antigos surge uma nova dinâmica, susceptível de trazer para a cena imagens de que nos esquecemos. (BELTING, 2014, p. 63).

Essas lembranças, que podem ser reavivadas pelo relato, podem ser perpetuadas, também, pelos dispositivos digitais. As modificações pelas quais os processos comunicacionais passam tornaram-se mais evidentes especialmente após a pandemia do novo coronavírus: conhecemos novas maneiras de estreitar os laços afetivos; aceitamos outros canais para estabelecimento de vínculos e contatos, e também para o acesso de notícias. Nesse sentido, é interessante revisitarmos os estágios da Comunicação elencados por Harry Pross, estágios que, aqui no Brasil, são corroborados pelo pensamento de Norval Baitello Junior (2014). Para os autores citados, a Comunicação passou por três momentos distintos: a mídia primária, a secundária e a terciária. Nessa concepção, todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial no corpo. A comunicação é uma construção de vínculos,

e, sendo assim, nossas relações internas podem ser cada vez mais numerosas, independentemente do tempo e do espaço.

Comunicamo-nos com o corpo e esse processo é marcado pela ponte entre dois espaços distintos, que acontece desde o nascimento: a transposição de um lugar aquoso para um frio leva o bebê a chorar e a se comunicar através das linguagens corporais (térmicas, olfativas ou visuais). Chamamos o corpo de mídia *primária* e, a partir dele, suas incontáveis possibilidades de produção de linguagem, as expressões faciais e corporais, o “cara a cara” etc. Essa mídia, com o tempo, passou a ser deixada de lado nas ciências da comunicação. Prestar atenção nos sons e na fala, nos gestuais, nos movimentos do corpo, na dança, nos cheiros, no rubor ou na palidez, na respiração ofegante, nas cicatrizes, nas rugas, no sorriso tímido, na gargalhada ou se atentar para as lágrimas de alguém parece que foi se tornando obsoleto num tempo em que a quantidade e a rapidez de interpelações das novas mídias distraem com outros sinais. A oralidade presente nos mitos se enquadraria aqui.

O vínculo estabelecido entre corpos na comunicação passa a ter aparatos entre o emissor e o receptor: pinturas corporais, máscaras, adornos ao corpo para acrescentar informações. Ocorre, então, uma ampliação nos campos comunicativos e o uso de ferramentas podem prolongar a mensagem temporalmente; temos a materialização de algo que anteriormente só poderia ser dito, gesticulado. Surgem inscrições e pinturas rupestres, surge a escrita, o registro de ideias. Temos aqui a *mídia secundária*. A partir da escrita, isto é, das imagens gravadas em suportes duráveis, o ser humano se vê como imortal, como se pudesse driblar a morte. Assim, se inicia a era da virtualidade, pois a escrita é a presença virtual de um corpo associada à sua história. Neste sentido, a publicação de *Una vieja historia de la mierda*

seria um registro e a perpetuação dos mitos pré-hispânicos, tanto pela recopilação das histórias quanto pelos desenhos do livro.

Já a *mídia terciária* traz a inovação da eletricidade. Nela, a apropriação do tempo não mais se dá apenas por meio da durabilidade da mensagem conservada, mas pelo somatório do tempo dos milhões de receptores. Ampliam-se ainda mais as escalas espaciais e de impacto receptivo. Para dialogar com nosso tema de estudo, basta pensarmos nas fotografias digitais acerca da pintura de Toledo⁵ sobre os mitos da merda, nos documentários produzidos sobre o assunto ou mesmo as famosas “cápsulas”⁶ produzidas para fins didáticos.

O livro *Una vieja historia de la mierda* é uma publicação conjunta, porém cada autor traz suas especificidades. O repertório de Toledo tem traços da cultura zapoteca, enquanto López Austin trabalha com civilizações variadas (azteca, maya, totonaco, nahuas etc). Além disso, é importante destacar que esse não era o foco/objetivo do trabalho de Toledo. Ele declarou em diversas entrevistas que, quando começou a pintar, queria estar ligado à sua comunidade, às tradições orais e pensava que poderia ser um “ilustrador de mitos”, mas logo começou a pintar somente o que tinha vontade, o que achava bonito, sem se importar se aquilo representava ou não as mitologias de seu povo.

Os jornalistas e críticos costumavam atribuir muitas “identidades” ao seu trabalho, mas ele mesmo pouco se importava com essas ligações biográficas em relação à sua produção

⁵ Em minha pesquisa doutoral, em que me detive na análise dos quinze Cuadernos de la mierda, de Francisco Toledo, não me foi possível ver os desenhos originais por uma questão burocrática, mas recebi da Secretaria de Hacienda y Crédito Público todos os arquivos em formato digital e em alta resolução do material a ser analisado.

⁶ São pequenos suportes audiovisuais que englobam conteúdo informativo ou comercial que são difundidos na internet, mais especificamente em redes sociais.

pictórica. O livro em questão, no entanto, traz, sim, o imaginário mitológico que permeou suas ilustrações, mais pela ideia que ele tinha acerca desses mitos do que pelos mitos em si⁷. E os relatos coletados por López Austin revivem nesse resgate, nessa “contaminação” cultural, e passamos a pensar tanto nas velhas histórias quanto nas outras que se forma(ra)m com o choque cultural e o processo civilizatório.

Una vieja historia de la mierda começa fazendo menção ao início⁸ do mundo. Uma sucessão de acontecimentos; e, portanto, sem princípio definido, conforme a primeira frase do livro: “Não houve princípio porque os acontecimentos se sucederam em séculos” (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 13 – tradução livre). Mas é preciso nos atentar para a palavra “princípio”. Essa nomenclatura nos remete a dois sentidos diferentes: 1) o antecedente de uma sequência; 2) o fundamento; a essência de algo. E certamente a carga ambígua dos termos nos proporciona leituras distintas, mas ambas válidas, pois na sequência lemos: “os Criadores, os Formadores, se multiplicaram como as areias do mar e se estenderam sobre a face da Terra”. (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 13 – tradução livre). Ninguém conseguiu perceber o momento exato da criação do universo⁹. Mas as histórias da merda vinham passando de uma língua a outra, de um povo a outro. E sempre se repetindo de maneiras diferentes, às vezes com acréscimos, noutras com distorções, se transformando entre os povos que habitavam o

⁷ Quando ele propõe a López Austin uma parceria, pede que um não se influencie pelo trabalho do outro (mitos x ilustrações).

⁸ Interessante perceber que, como dissemos, a escatologia também tem um sentido de fim dos tempos. Aqui, López Austin trata do início do mundo, justamente o contrário daquele sentido do escatológico.

⁹ Os mitos geralmente abordam o início do mundo de forma a usar elementos da natureza, sobretudo o céu e o mar. Nas paredes do Museu de Antropologia do México encontramos um registro dos povos Conca'ac (também conhecido como Los Seris - etnia que habita a região de Sonora – México): “Não havia terra, só existiam o mar, o céu e os animais marinhos. Para que se fizesse a terra, os animais se reuniram e decidiram ir até o fundo do mar para trazer a terra. Mas nenhum pôde chegar ao fundo, até que chegou a vez da tartaruga gigante. A grande tartaruga demorou um mês para ir e voltar, mas quando subiu à superfície trazia um pouco de areia nas unhas e assim se pôde criar a terra” – tradução livre.

território mexicano e também os territórios mais distantes; vinham de correntes diversas e se difundiam até chegar aos nossos ouvidos, como “sussurros narrativos”. Nem sempre essas histórias estavam contadas em livros: “os Criadores, os Formadores, se multiplicaram como as areias do mar e se estenderam sobre a face da Terra” (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 15 – tradução livre). É justamente a essa história que o livro se refere: à versão Mexica, pelo seu perdurável registro, assim como às versões mais contemporâneas e às que chegam aos nossos dias. As divisões feitas pelo autor, entretanto, separam as histórias em 18 pequenos capítulos que discorre, analisa, observa, aponta relações escatológicas com as narrativas desses povos.

Alguns mitos relatados no livro são mais representativos para pensar a questão da civilização e suas mudanças, por exemplo: há curiosas concepções, como as do nahuas de Matlapa, de San Luis Potosí, em que são feitos agradecimentos ao Deus do Milho (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 19). Agradecem porque antigamente só podiam cheirar os tamales e os atoles, não os podiam comer e beber pois não possuíam ânus para defecar. Quando chegou o Deus do Milho e os presenteou com um ânus, viveram numa imensa alegria e em agradecimento por poderem comer e beber, já que agora podiam defecar. Há também algumas interpretações de sonhos: entre os otomíes do sul de Huasteca, por exemplo, fala-se de cobras que entram no corpo ou ainda do desejo de excrementos – estes sonhos significam que a pessoa está sendo caluniada, perseguida ou que algo muito grave está sendo planejado. São sonhos que não devem ser contados a ninguém (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 23).

López Austin abre e fecha sua organização das histórias com a ideia da merda como símbolo, fazendo associações com a avareza (intestino preso); com as ofensas (proximidade

da merda); as paixões (urgência de evacuar). E reforça que além da herança biológica que recebemos, as mudanças sociais/culturais moldam o comportamento humano e geram tabus.

2. Algumas histórias da merda

Dentre as pequenas narrativas que compõem o livro, selecionei cinco delas para evidenciar o pensamento mítico sobre a merda na Mesoamérica. A escolha foi baseada nas regiões onde as histórias foram recolhidas, uma vez que o pensamento mítico se distingue de uma etnia para outra. Assim, o critério usado foi o geográfico e étnico (todos do mesmo estado - ZAPOTECOS DO ISTMO/JUCHITÁN)¹⁰.

Veterinária – Huaves de San Mateo del Mar, Oaxaca

Se as galinhas têm as patas machucadas, se coloca um pouco de seu próprio cocô; mas deve-se ter cuidado de que seja cocô de cor café. Ainda que seja medicina para animais, um velhinho usou este mesmo cocô para repor o hímen de uma moça.

O produto – Zapotecos de Juchitán, Oaxaca e espanhóis

Quando o forasteiro se desculpa para se retirar a um lugar isolado, os juchitecos o seguem com cautela para identificar depois o lugar exato de sua estadia e poder conferir em suas fezes o seu caráter.

É corriqueiro. É cortesia dos juchitecos: não consideram iguais todos os estranhos.

¹⁰ Todas as histórias estão em López Austin; Toledo, 2009, p. 51; 72; 81; 92 e 94, respectivamente e tiveram traduções livres.

... talvez por isso os espanhóis, dissimulados, conhecendo a existência de técnicas similares, preferam cagar no mar ou escondidos.

Calvície – Zapotecos do Istmo

Dizem lá no Istmo que a calvície é produzida pelo cocô dos urubus. Os passarecos fedidos – dizem -, carecas e enrugados, cagam das alturas nas cabeças dos anciãos, e as crostas, ao secarem, arrancam os cabelos.

Deve ser falso, já que as grandes testas dos burros são, vistas do alto, os melhores alvos, e, como se sabe, não existe burro calvo.

Conto triste do Saruê (Mixtecos de San Pedro Xicayan, Oaxaca)

Seu compadre o tigre convidou o saruê a aprender suas técnicas de caça. Ao encontrar uma vaca, o tigre saltou sobre ela, emaranhou seu rabo ao da vítima, a matou e compartilhou a carne com seu compadre.

Tempos depois, já ciente, partiu só o saruê para a caça. Passaram dois, três, seis, sete dias, e o saruê não regressou ao seu lar. Inquieta, sua mulher foi pedir ajuda ao compadre, e o tigre se dirigiu de imediato ao lugar da lição. Ali encontraram o pobre saruê, cheio de espinhos, urinado e cagado, pendurando no rabo de uma vaca.

De como foram concebidos o sol e a lua (Mixes de Oaxaca)

Estava Maria, a donzela, tecendo a roupa que usava as pessoas daqueles tempos, quando chegou um passarinho e pousou no fio. Maria o espantou, mas o passarinho voltou, defecou e manchou o fio.

- Passarinho-boca-de-merda! – disse a menina – Você sujou o fio! – E de um tapa o emaranhou na linha. Mas logo, compassiva, recolheu o passarinho desmaiado e o colocou em seu seio.

O plácido calor ressuscitou o moribundo. Hóspede abusivo, se recolheu entre os peitos nascentes, uma, duas, três vezes. Antes de receber outro golpe, voou longe, deixando Maria grávida, e em seu ventre se formaram o menino e a menina que chegariam a ser Sol e Lua.

Um mito é, por si só, uma visão de mundo; não há que explicá-lo. Do ponto de vista antropológico, filosófico e teológico é visto como um estágio do desenvolvimento humano anterior à arte, à história e à lógica. Mircea Eliade (1971, p. 82) dizia que proferir um mito o torna verdade; ele funda uma verdade. A ontologia mítica desvenda o mundo como uma totalidade. Ele prescreve regras para a navegação, para a guerra, para a caça, para as relações entre os sexos, para a colheita, para os fenômenos naturais. Refere ao pensamento não-reflexivo, não lógico, no sentido de fundar o ser. Interpretar um mito seria reduzi-lo; cair na perigosa armadilha da contradição. Um mito, ao ser contado ou “re-produzido”, ganha contornos no seu movimento meio da oralidade. López Austin e Millones asseguram que a teoria evolucionista não convence grande parte da sociedade, que dá mais credibilidade à teoria criacionista, sobretudo entre os países de tradição judaica, cristã e islâmica. Assim, há um grande peso mundial “das concepções que atribuem à intervenção divina a existência e a configuração das criaturas mundanas” (LÓPEZ AUSTIN; MILLONES, 2016, p. 15). É notório que o pensamento mítico rege parte considerável da humanidade.

Os mitos entrelaçam aspectos da vida em diferentes tradições. Um homem que vê no cocô da galinha uma forma de restituir a virgindade de uma garota está guiando suas ações baseado em pensamentos que mobilizam uma sociedade durante gerações. Um passarinho

que engravida uma moça quando se aconchega em seu peito e dali nascem o sol e a lua é uma história anterior às de Homero, uma história de anônimos, que perpassa e circunscreve uma cultura, se converte em um meio de expressão das cosmovisões e intervém em épocas e espaços distintos. Cada mito evidencia como uma realidade veio à existência – seja ela total (o cosmos) ou o fragmento dela.

López Austin (2016, p. 26) atesta que os verdadeiros criadores de mitos nunca sabem que o estão fazendo. Segundo ele,

os mitos agarram aqueles que os escutam. Por isso emocionam ou confortam ou perturbam quem os recebe. Sem saber, quem assim os recebe os reconhece como seus. Pertence-lhes pelo que vivem: em sua experiência e na experiência herdada das gerações. É que os mitos são rosários de metáforas que contam como é agora o mundo porque dizem como foi em um princípio, e, para isso devem remontar muito além daquele princípio, quando o tempo ainda não era tempo, quando as coisas que hoje existem, existiam como outras coisas, mas já se formavam. É que cada rosário de metáforas, espelho do rosário das coisas que se faziam, enlaçou suas contas como deveria enlaçá-las. Porque as contas repetem e repetem: ‘Assim foi, assim é, assim deve ser. Esta é sua justificativa, é seu guia, é seu destino, é sua missão no mundo’. E como são metáforas, o dizem metaforicamente, dizendo sem dizer, mas confirmando, ao mesmo tempo com razões incontáveis, pois são espelhos. Assim é o nascimento, a existência, o fugaz afloramento e a função dos mitos (LÓPEZ AUSTIN, 2016, p. 26 – tradução livre).

Os relatos reproduzidos aqui confluem no anonimato, na emoção, nos “rosários de metáforas” destacados pelo historiador. São histórias relacionadas à vaidade (calvície); à caça;

à criação dos astros; à tentativa de restituir o hímen; ao caráter dos estrangeiros. Todas elas tocam na temática fecal e, com exceção de “o produto”, todas elas contêm animais, assim como nas fábulas. Nos mitos, os animais se integram ao mundo dos homens; nas obras toledanas os humanos é que parecem pertencer ao mundo animal.

Além das ilustrações dos livros infantis da filha Natalia Toledo¹¹ (poeta bilingue espanhol/zapoteco), Toledo publicou um livro infantil com Elisa Ramírez Castañeda, *El perro Topil*, publicado em 2005 e reeditado em 2015, livro que tem a recopilação, a transcrição e a tradução do náhuatl feita por Miguel Ángel Tepole.

El perro topil é uma história de origem náhuatl, dos antigos Zongolica, Veracruz, resgatada por Elisa em que elucida razões por determinado comportamento dos cachorros:

O cachorro ajudante (Zongolicas de Veracruz)

Os homens maltratavam muito os cachorros. Tanto que entraram num acordo: levariam uma queixa ao Nosso Senhor Tlalocan para pedir-lhe que castigassem os homens. Assim combinaram. Fizeram um recado e buscaram um ajudante – que era o encarregado de levar e trazer recados. O cachorro, para chegar até Tlalocan, teria que cruzar rios, subir e descer montanhas, atravessar bosques e se defender de seus inimigos.

Onde levaria a mensagem de tal maneira que as patas e o focinho ficassem livres? Não queriam que perdessem o recado, assim colocaram em seu rabo.

¹¹ Tenho conhecimento de dois: *La muerte pies ligeros* (2005) e *Cuento del conejo y el coyote* (2008).

O cachorro se foi. Já se passou muito tempo desde então e a resposta ainda não chegou. Os cachorros de hoje já não sabem qual era o cachorro ajudante.

Por isso, sempre que se encontram, se olham e cheiram o rabo do outro: estão conferindo se acaso um deles traz ali o recado, para castigá-lo se ainda não o levou, ou para ver se traz a resposta que ainda não foi entregue. (RAMÍREZ CASTAÑEDA; TOLEDO, 2015).



Fig. 1: Ilustração de Toledo in *El perro topil*, p. 21



Fig. 2: Ilustração de Toledo in *El perro topil*, p. 22.

Suas ilustrações em ambas as parcerias demonstram interesse e conhecimento acerca dos mitos. É curioso que uma das ilustrações (Fig. 1) dessa publicação com Elisa faz parte da composição de um dos *Cuadernos de la mierda* (o caderno 3, página 12). Se os cadernos foram trabalhados na década de 1980, a reutilização do desenho foi para o livro, e não o contrário. O que ressoa é que a parceria com Elisa ainda buscava na memória imagens que fizeram parte de seu imaginário muitos anos antes. Ou eram os mitos que ecoavam em sua mente quando ele compunha os cadernos durante sua estadia em Paris?

3. Os processos civilizatórios, os mitos e a era digital

A mudança nos costumes e hábitos cotidianos em relação à higiene íntima e suas relações com as fezes diz respeito ao que Norbert Elias (1994) chamou de “processo civilizador”. As sociedades contemporâneas, diferentemente das “primitivas”, com seus mitos e narrativas próprias, criou o tabu. E também tentou romper tabus. Temos nossa herança biológica que condiciona nossos impulsos, mas temos também uma herança cultural que é relativa à nossa memória externa, que marca as repetições das repulsões instintivas. E o ser humano demonstra seu poder de mudar seu destino e a herança cultural através do processo civilizatório. Cresce a civilização, crescem as responsabilidades. Respeitando as diferenças culturais, as análises do comportamento humano de Norbert Elias evidenciam como o processo histórico rompeu com costumes que se basearam na moral, em modelos de comportamentos e na não aceitação do outro para alavancar um “mundo civilizado”.

As contribuições de Elias acerca da compreensão de como os hábitos de higiene se formaram socialmente, não devem ser colocadas em oposição aos mitos. López Austin¹² observa que, na linguagem corrente, os mitos soam como falsos e essa ideia se define desde os clássicos, quando os filósofos jônios pré-socráticos, de orientação racionalista, separaram conceitualmente o *mythos* (a narração) do *logos* (o discurso) carregando o logos de sentido coerente, racional, demonstrado a partir da argumentação. Assim, podemos pensar que os mitos da merda poderiam ter uma dupla carga negativa/pejorativa que prejudica a aceitação social: por sua natureza mítica e por seu conteúdo escatológico. Mas o que López Austin faz é

¹² Conforme aula no Instituto de Investigações Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) em 30/jan/2019

justamente o contrário: valoriza a mitologia como parte da História. Os mitos são contatos, são formas de conceber o mundo e não significa que seja algo simples, atrasado: pode ser concebido por povos modernos ou hipermodernos, pode fazer parte do analógico e do digital, inclusive. Junto com o rito, o mito é uma das formas mais importantes para atualizar e transmitir as crenças fundamentais de uma sociedade que costuma preferir as formas implícitas de comunicação, afirmando um saber já existente. No entanto, ele chega também pelo inconsciente e prioriza a forma verbal, através das emoções. López Austin lembra¹³ o pensamento da pesquisadora e socióloga Elisa Ramirez Castañeda quando diz: “o que publico já está cristalizado”; ou seja: a veia mitológica pode pulsar nos seus variados formatos de difusão: corpóreo, pictórico, registro impresso e/ou tecnológico, mas Elisa buscava resgatar histórias já difundidas oralmente.

Em setembro de 2020, um ano depois do falecimento de Toledo, a Secretaría de Hacienda y Crédito Público do México convidou López Austin para gravar, em formato digital, um vídeo¹⁴ que teve 15’28”. No vídeo, ele conta como se deu a parceria entre ele e Toledo para a publicação de *Una vieja historia de la mierda*. O vídeo foi uma espécie de homenagem póstuma a Toledo, além da divulgação do trabalho em conjunto. O vídeo foi primeiramente publicado no *Facebook*, na página “Arqueología Mexicana”¹⁵ e republicado no *Youtube* em 17 de julho de 2022, para lembrar o nascimento de Toledo. É interessante observar essa

¹³ Conforme aula do Dr. Alfredo López Austin no Instituto de Investigaciones Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) em 20/fev/2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYDAHLxVLsU>. Acesso em 17/jul/2022.

¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/page/323936520977966/search/?q=Toledo> Acesso em 1/set/2020.

transposição de formatos para se falar dos mitos da merda: os relatos orais, o registro em livro, os desenhos nos cadernos de Toledo e, posteriormente, o formato digital.

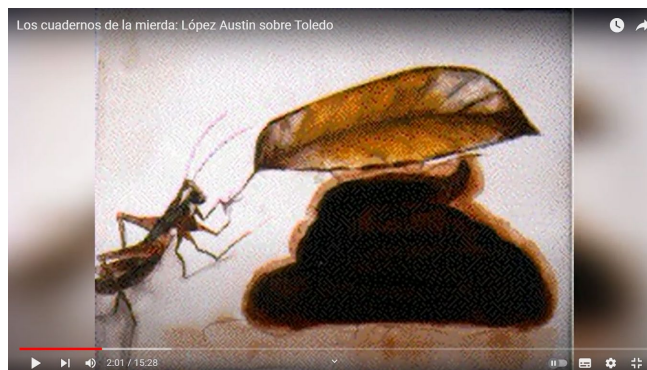


Figura 3: Cápsula "*Los cuadernos de la mierda: López Austin sobre Toledo*".

Tempo do vídeo: 2'01"

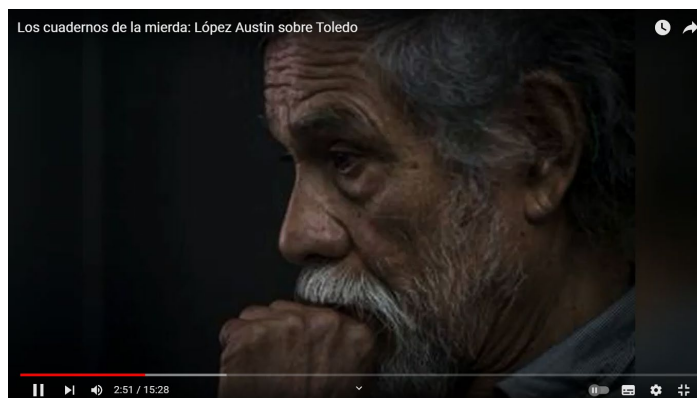


Figura 4: Cápsula "*Los cuadernos de la mierda: López Austin sobre Toledo*".

Tempo do vídeo: 2'51"



Figura 5: Cápsula "Los cuadernos de la mierda: López Austin sobre Toledo".

Tempo do vídeo: 3'22"

O “sussurro narrativo” a que se referiu López Austin e as transformações dos povos pré-colombianos são exatamente aquilo que praticamente foi se perdendo no tempo, narrativas e interdições verbais acerca da merda. Foram resgatados, contudo, graças às novas roupagens e linguagens, sejam eles na forma de escrita, visual ou audiovisual. O formato digital, ainda que sensível a perdas, pode ser difundido com uma velocidade e amplitude (geográfica e temporalmente) incrível, tornando-o, assim, facilmente localizável, já que mais pessoas, mais dispositivos e mais *sites* podem guardar os links de acesso. A internet possibilita mais caminhos.

O processo civilizatório, com seus avanços na medicina, na arquitetura e na ciência traz qualidade de vida, isso é inegável. Por outro lado, pode apagar histórias de culturas tão diversas, as chamadas “primitivas”, as histórias da merda com seus movimentos e regenerações. Histórias sobre a merda ficam apenas nos círculos sociais mais íntimos. Há que

cuidar dos mitos; das narrativas de cura, de cosméticos, de fenômenos da natureza, e de processos que, muitas vezes, poderiam trazer uma intimidade maior com nosso corpo. Os padrões de etiqueta são tipos de violência aos costumes de um povo. O contato com a merda ainda é muito importante para várias culturas e isso não é dito, é um interdito. Nada tem a ver com a moral: é uma questão de vitalidade, é biológico e energético; é símbolo de culturas. E uma das belezas que existe num mito é exatamente isso: ele é a própria coisa, diferentemente de histórias em que “se ouve dizer”, quando o proferimos, ele se torna verdade, como atestou Mircea Eliade (1971), e essa verdade pode ser transmitida através do corpo, das mídias secundárias (o registro material) ou das terciárias, com as tecnologias.

Na leitura de Alberto Dallal e Jorge Bravo, “As indagações de López Austin nos revelam que os estudos dos excrementos e dos dejetos corporais também permitem que nos aproximemos do conhecimento das culturas pré-colombianas em seu sentido mais amplo” (MATOS MOCTEZUMA, 2010 – tradução livre). Os médicos sabem, por exemplo, que através dos excrementos se chegam a diagnósticos e a conhecimentos da saúde e enfermidade dos seres humanos. A medicina pré-hispânica utilizava seus métodos próprios. Entre os povos de Huaves de San Mateo del Mar, Oaxaca, por exemplo, para curar um indivíduo de uma picada de cobra, colocava-se merda na ferida e se comia o restante da merda para tirar o veneno (LÓPEZ AUSTIN; TOLEDO, 2009, p. 43). Se a cobra ainda estivesse na região, atacavam-na com um pau untado de merda e quando a víbora mordesse o pau, morreria, pois o excremento era muito venenoso para ela. Hugo Brown (1990, s/p), em *Aportes de México a la medicina*, pontua: “A conclusão inevitável que surge da análise da medicina indígena pré-hispânica e sua

confrontação com a medicina europeia é que o preconceito dominou o interesse científico perdendo, assim, o enriquecimento da integração”.

No nosso contexto, seria presunçosa a análise de qualquer narrativa que estivesse no campo “primitivo”, mas se faz necessária a discussão de como a merda pode ser vista hoje dentro dos padrões da cultura ocidental a partir dos processos da civilização. Fechamos este texto com a ideia trazida por López Austin (2016) de que os antigos mitos podem receber grandes impactos de outros mitos: dos estrangeiros que pretenderam apagar pela força os anteriores para ocupar seu lugar, mas de igual maneira, assim como o título de seu livro com *Millones*, os mitos se transformam, se adaptam e têm seus próprios tempos.

REFERÊNCIAS

- Baitello Junior, N. (2014). *A era da iconofagia* – Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. Paulus.
- Belting, H. (2014). *Antropologia da imagem* – Para uma ciência da imagem. Tradução de Artur Morão. KKYM + EAUM.
- Brown, H. A. (1990). *Aportes de México a la medicina*. Editorial Amaquemecan: México.
- Eliade, M. (1971). *Le sacré et le profane*. PUF.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador*. v1. Tradução Jungmann; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Jorge Zahar.
- Legorreta Salazar, M. L. (2007). *Breve diccionario etimológico para el bachiller* – Raíces básicas. Edeme.
- López Austin, A. (2017). “Cómo tratar la mierda sin pringarse: Los cuadernos de la mierda”. In: Citibanamex. *Francisco Toledo* – Obra 1957 – 2017. (IV Tomo).
- López Austin, A; Toledo, F. (1988). *Una vieja historia de la mierda*. Ediciones Toledo.

López Austin, A. (2009). *Una vieja historia de la mierda*. 2ª ed. Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericano (CEMCA).

López Austin, A. “La magia y la adivinación en la tradición mesoamericana”. Disponível em <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/la-magia-y-la-adivinacion-en-la-tradicion-mesoamericana> Acesso em 19/jul/2022.

López Austin, A.; Millones, L. (2016). *Los mitos y sus tiempos*. Creencias y narraciones de Mesoamérica y los Andes. Ediciones Era.

Matos Moctezuma, E. (2009). “Una vieja historia de la mierda”. In: *Ciencias 96*, octubre-diciembre, p. 70 – 75.

Popescu, L; Martínez Villarroya, J. Entrevista a Alfredo López Austin. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/ExNovo/article/viewFile/144754/196574> Acesso em: 12/fev/2019.

Ramírez Castañeda, E.; Toledo, F. (2015). *El perro topil*. 2ª ed. Pluralia.

Secretaría de Hacienda y Crédito Público (2020). Cápsula “Los cuadernos de la mierda: López Austin sobre Toledo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYDAHLxVLSU> e também em <https://www.facebook.com/page/323936520977966/search/?q=Toledo> Acesso em 17/jul/2022.

Toledo, N; Toledo, F. (2005). *La muerte pies ligeros*. Lectorum Publications.

Toledo, N. Toledo, F. (2008). *Cuento del Conejo y el Coyote/ Didxaguca' sti' Lexu ne Gueu'*. Fondo de Cultura Económica.